

Momentos de vida

Por José de Oliveira Messina - Presidente do Colégio Dante Alighieri

Obediente à Lei das leis, Lei que emana da sabedoria de Deus – não dos homens –, partiu, em 2004, para o mundo da Gloriosa Verdade, um dos maiores pensadores do nosso tempo: Norberto Bobbio, que logrou modular a vida em recém-nascido, infante, adolescente, homem feito e ancião. Seu nascimento se deu em Torino, no dia 18 de outubro de 1909. O relato que ora farei de parte da sua existência, e que consta de sua *Autobiografia* (Editori Laterza – 1997 – aos cuidados de Alberto Papuzzi) – documento incomparável por força de sua autenticidade –, colocará o leitor diante de informações capazes de revelar como se plasmou entre nós um homem comum que, sem jamais almejar colher aplausos, tampouco colares de glória, soube demonstrar como o ser humano, na sua simplicidade, pode motivar seu semelhante a percorrer os sábios caminhos que lhe atravessam a vida.

Foi filho de Luigi Bobbio, que, nascido na província de Alessandria, atuou como médico cirurgião, profissão que lhe rendeu prestígio na localidade.

Seu avô paterno, Antonio, foi professor do curso fundamental, sendo promovido posteriormente para o cargo de diretor didático. Católico liberal, colaborador do jornal alessandrino *La Lega*, o mesmo avô guiou-se pela filosofia, chegando a publicar livros críticos sobre os pensadores positivistas Roberto Ardigò (1828-1920, filósofo de Casteldidone – Cremona, expoente máximo do positivismo na Itália), e Herbert Spencer (1820-1903, filósofo inglês, também expoente do positivismo), além de um livro manzoniano intitulado *O Verdadeiro, o Belo e o Bom*, dos *Promessi Sposi*, título que faria, mais tarde, o neto sorrir.

Refere ainda Norberto Bobbio que, em tempo recente, Cesare Manganeli reuniu uma série de diários inéditos desse avô. Tais escritos foram publicados no jornal *Il Piccolo*, da Alessandria, compondo um livro intitulado *Memorie*. Como prefaciador, o neto Norberto escreveu o seguinte trecho, que destacou em sua autobiografia: “Do avô, em nós jovens permaneceu a imagem de um velho venerando

e venerado, que impunha submissão, e do qual os filhos falavam com admiração e reverência.”

A avó paterna, de nome Rosa Caviglia, nasceu numa localidade que, distante 8 km de Acqui, se chamava Rivalta Bormida, para onde Norberto Bobbio retornava sempre com muita emoção. Nessa cidade nascera Giuseppe Baretti (1719-89), crítico e polemista, que, por meio de sua posição antiarçádica e antiacadêmica, contribuiu para a renovação cultural da segunda metade do Setecentos. Recorda Bobbio que a primeira assinatura que fez de um periódico foi em 1924. Fundado por Piero Gobetti (1901-26), e chamado *Il Baretti*, a proposta do jornal era renovar a vida civil, dando-lhe um sentido democrático. Escritor e político, também de Torino, Gobetti foi perseguido pelos fascistas e faleceu em Paris, em plena juventude. Em seu semanário escreviam Benedetto Croce (1866-1952), filósofo, historiador e crítico, Emílio Cecchi (1884), prosador e crítico florentino, Eugênio Montale (1896), poeta genovês, entre os maiores, e Umberto Saba (1883-1957), poeta e prosador triestino de inspiração predominantemente sentimental e psicológica.

Interessante notar que, na linha de sua veia jocosa, publicou uma reflexão segundo a qual se julgava convicto das bases do seu “piemontismo” – consciente não só das próprias virtudes, mas também dos próprios vícios. Inicia dizendo por que foi chamado de Norberto. Segundo ele, o “estranho” nome foi herdado de um bispo alemão que viveu entre o undécimo e o duodécimo século, nome com o qual foi primeiramente batizado o avô materno, nascido em 1847 num pequeno lugar sobre a margem direita da Bormida, entre Acqui e Alessandria. Prosseguindo, Bobbio lembra que os pais desse avô, que foi o caçula de uma família numerosa, não dispunham de um nome costumeiro para o derradeiro filho, motivo pelo qual decidiram lhe dar o nome do avô, que, por sinal, era o mesmo de um poeta piemontês que à época estava na moda: Norberto Rosa.

Norberto Bobbio, porém, diz que, para ele, foi sempre um mistério a projeção de Norberto Rosa, pois, relendo suas poesias, nunca conseguiu ir além das primeiras cinquenta páginas. Algumas

notícias davam conta de que Norberto Rosa tornara-se famoso por haver promovido a subscrição para a compra de cem canhões, que teriam o destino de proteger os “fortes externos” de Torino. Contudo, a compra desses canhões ocorrera em 1857, quando já distavam dez anos do nascimento do avô. Portanto, concluiu Norberto Bobbio, Norberto Rosa era mesmo célebre por suas poesias. Mas como ele assim se tornou e por quê? Bobbio prefere transferir a pergunta aos cultores da história literária piemontesa.

Recorda-se ele também de que teve uma infância e uma adolescência felizes, porque pertencia a uma família abastada, vivendo numa bela casa, com duas serviçais e um motorista particular, nos anos mais prósperos, entre 1925 e 1940. Seu irmão, Antonio, era dois anos mais velho, e diferente dele: extrovertido, de excepcional inteligência, sempre o primeiro da classe. Num mesmo ano cursou o segundo e o terceiro liceu (hoje curso médio). Mais tarde, ingressou na carreira médica, seguindo no caminho do pai, e se tornou professor de Clínica Cirúrgica na Universidade de Parma. Contudo, antes de completar 60 anos, faleceu vitimado por uma grave doença.

Ao falar de sua adolescência, qualifica-a, no aumentativo, como “normalíssima”, embora na infância houvesse se manifestado uma enfermidade que o marcaria por toda a existência. Apesar de seu pai ser médico, Norberto Bobbio jamais ficou sabendo com precisão a natureza do referido mal. O fato é que ele passou todo o ano em que cursou o primeiro ginásio com o braço preso ao pescoço, como se o houvesse fraturado. Esta é uma recordação, aliás, que sempre o acompanhava.

O gosto pela poesia fez com que, desde cedo, as escrevesse, tendo-as apenas rasgado previamente à morte. Quando cursava o quarto ano do ginásio, em 1923, começou a poetar. Todas as composições poéticas oscilavam, então, entre o pessimismo leopardiano (Giacomo

Leopardi – 1798-1837) e o crepuscularismo gozzaniano (Guido Gozzano – 1883-1916).

Verifica-se que a influência de Gozzano foi nele tão marcante, que Bobbio sabia de cor a última estrofe dos “Colóquios”, poema de autoria do primerio:

*“Il fanciullo sarò tenero e antico
che sospirava al raggio delle stelle
che meditava Arturo e Federico
ma lasciava la pagina ribelle
per seppellir le rondini insepolti
per dare un'erba alle zampine delle
disperate cetonie capovolte.”*

Arturo é Schopenhauer (1788-1860) e Federico é Nietzsche (1844-1900). Bobbio justifica a lembrança dessa poesia até a idade avançada dizendo que ela espelha um estado de alma no qual se reconhece.

Vejo aqui a bondade que habitava seu coração. Sepultar os pássaros insepultos, dar um ramo de erva para que um inseto, desesperado com as patinhas para cima, possa nele se agarrar para se salvar, o que poderá significar?

“A paixão pela leitura começou tarde, mas logo se tornou intensa e geral. As anotações que fazia sobre os livros que lia, colocava-as no receituário do seu pai, que ele conservou. No primeiro ano de universidade, leu 18 livros em apenas trinta dias, aproveitando os feriados natalinos.”

A paixão pela leitura começou tarde, mas logo se tornou intensa e geral. As anotações que fazia sobre os livros que lia, colocava-as no receituário do seu pai, que ele conservou. No primeiro ano de universidade leu 18 livros em apenas trinta dias, aproveitando os feriados natalinos. As poesias de Paul Géalduy (1885 - 1983), poeta e comediógrafo francês,

cujo romantismo o tornava o preferido pelos namorados, Bobbio as leu atestando o leitor voraz em que se transformara. Na mesma época, iniciou o estudo do idioma inglês, que lhe permitiu ler as *Líricas* de Percy Bysshe Shelley (1792-1822), poeta inglês, romântico, morto por afogamento na Baía de Lerici (*La Spezia*).

Um de seus amigos, Cesare Pavese (1908-1950), natural de Santo Stefano Belbo (Cuneo), poeta e prosador entre os maiores da época, por haver cursado o liceu moderno, aprendera o inglês, e não

o grego, então lecionado no liceu clássico. Ao saber que Norberto Bobbio havia iniciado, por conta própria, o estudo do inglês, colocou-se à disposição dele para a leitura de alguns clássicos ingleses.

Com efeito, Norberto refere-se ao período em que Cesare Pavese era seu professor, e ele, dedicado aluno. Das poesias de Shelley, gostava de citar “L’ allodola”, cuja recordação continuava viva por tê-la uma dia traduzido, utilizando o papel do receituário de seu pai.

A despeito do gosto por poesia, confessou que nunca foi um grande leitor de romances. Leu, todavia, alguns volumes da obra de Honoré de Balzac (1799-1850), considerado o criador do romance realista. Dedicou-se também à leitura dos romancistas do Oitocentos, de Stendhal (1783-1842) a Flaubert (1821-1880), de Dostoiévsk (1821-1881) a Tolstói (1828-1910).

Além desses autores, Bobbio enfatiza que lera quase inteiramente Thomas Mann, embecendo-se em sua obra política. Dele, anota a última página do adeus a Giovanni Gator, “*onesto Beniamino della vita*” (honesto filho predileto da vida), com as últimas palavras: “*Da questa festa mondiale della morte, da questo malo delirio che incendia intorno a noi la notte piovosa, sorgerà un giorno l’amore.*”

Cumpra agora assinalar um testemunho prestado à humanidade, esta ainda hoje bem longe da convivência pacífica, quando as notícias que vêm de todas as cantos do orbe dão conta de desigualdades sociais e de injustificados dispêndios de erários. Note-se a “grande descoberta” recentemente realizada em Marte: o planeta já teve água? Sabemos que, para a vida, a água é o elemento primordial. Perguntamos, porém: o que se há despendido para tais investigações tem justificativa diante da miséria terrestre? O que se pretende com tais mirabolantes empreitadas?

Assim é que, concluindo, traduzo livremente o seguinte trecho, com o qual se encerra parte da primeira exposição do capítulo I da *Autobiografia*,

intitulado “Pré-história”: “na minha família nunca tive a impressão do conflito de classes entre os burgueses e os proletários. Fomos educados a considerar todos os homens iguais, e a pensar que não existe diferença entre quem é culto e quem não o é, quem é rico e quem não o é. Compreendi essa educação como um estilo de vida democrático numa página de *Direita e esquerda*, distinção com a qual confesso ter sempre estado incomodado, ante o espetáculo das diferenças entre ricos e pobres, entre quem está no alto e quem está embaixo na escala social, enquanto o populismo fascista tinha por escopo desagregar os italianos em uma organização social que cristalizasse a desigualdade.”

“Essas diferenças eram particularmente evidentes durante as longas férias no campo onde nós, vindos da cidade, brincávamos com os filhos dos camponeses. Entre nós, para dizer a verdade, existia efetivamente um perfeito entrosamento, e as diferenças de classes eram absolutamente irrelevantes, mas não podíamos ignorar o contraste entre as nossas casas e as deles, os nossos alimentos e os deles, as nossas roupas e as deles (no verão andavam descalços). Cada ano, renovando as férias de verão, ficávamos sabendo que um dos nossos companheiros de brincadeiras havia morrido no inverno de tuberculose. Não me recordo, ao contrário, de sequer uma só morte por doença entre os meus companheiros da cidade.”

Essa é uma mensagem sobre a qual nossa meditação há de ser bem profunda, pois, com toda a certeza, emanou da educação recebida por Norberto Bobbio no núcleo familiar, cujos membros demonstraram estar presentes no dia a dia de sua infância, permitindo que ele, ao longo de sua existência, não perdesse jamais a dimensão (que estimara desde tenra idade), dos problemas sociais, procurando soluções que somente poderiam emanar do vasto campo filosófico da vida. Quanto Norberto Bobbio se empenhou para lançar clareza sobre tantos pontos que os homens discutem ainda mergulhados no escuro!

“Um de seus amigos, Cesare Pavese, (...) poeta e prosador entre os maiores da época, (...) aprendera o inglês, e não o grego, então lecionado no liceu clássico. Ao saber que Norberto Bobbio havia iniciado, por conta própria, o estudo do inglês, colocou-se à disposição dele para a leitura de alguns clássicos ingleses.”



Período da manhã: das 08:00 às 9:30 horas

Período da tarde: das 14:30 às 16:00 horas

Período da noite: das 19:00 às 20:30 horas

Dias: 2ª e 4ª-feira, ou 3ª e 5ª-feira

Curso regular completo: 6 estágios (2 por ano)

2 Básicos • 2 Intermediários • 2 Avançados



CURSO DE LÍNGUA ITALIANA

1º Quadrimestre: de março a junho

2º Quadrimestre: de agosto a novembro

Valor do quadrimestre: em 4 parcelas mensais

Isenção de matrícula

Máximo de alunos por sala: 12

Qualificação: Certificado de Conclusão



ASSOCIAÇÃO DOS EX-ALUNOS DO COLÉGIO DANTE ALIGHIERI

Al. Jaú, 1.135 - Cerqueira Cesar - Cep: 01420-001 - Telefone: (11) 3284-6011

www.aeda.com.br aeda@aeda.com.br